

RECENSÃO

Autor:

Maria do Rosário Ferreira

rosarioferreira.fluc@gmail.com

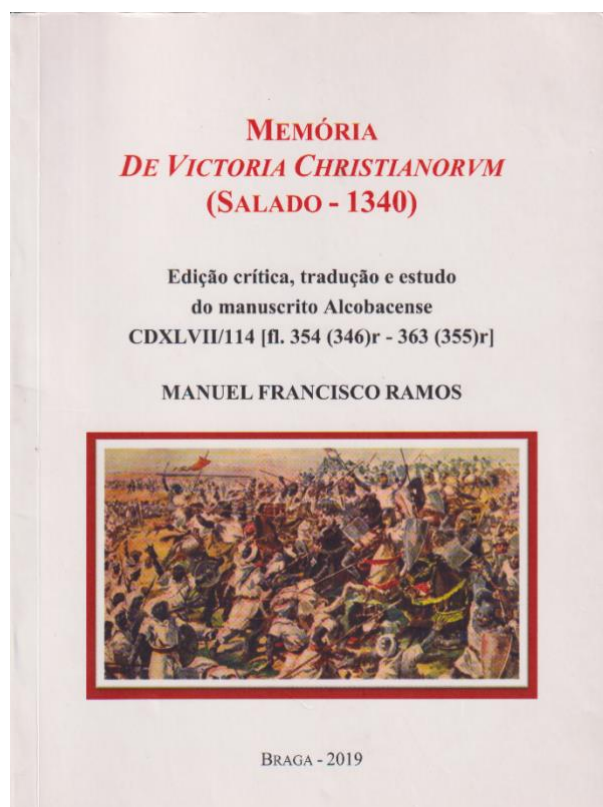
Título:

Manuel Francisco Ramos, *Memoria de Victoria Christianorum (Salado, 1340)*, Edição crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVII/114 [fl. 354 (346)r – 363 (355)r], Braga, Gráfica Diário do Minho, 2019.

Como citar esta recensão:

Maria do Rosário Ferreira, «Recensão Crítica de Manuel Francisco Ramos, *Memoria de Victoria Christianorum (Salado, 1340)*, Edição crítica, tradução e estudo do manuscrito Alcobacense CDXLVII/114 [fl. 354 (346)r – 363 (355)r], Braga, Gráfica Diário do Minho, 2019», *Guarecer. Revista Electrónica de Estudos Medievais*, vol. 6, 2021, pp. 203-208.

DOI: 10.21747/21839301/gua6r1



Manuel Francisco Ramos

***Memoria de Victoria Christianorum*
(Salado, 1340)**

**Edição crítica, tradução e estudo do
manuscrito Alcobacense CDXLVII/114
[fl. 354 (346)r – 363 (355)r]**

Braga

**Gráfica Diário do Minho
2019**

A 30 de Outubro de 1340, nas margens do rio Salado, escassos quilómetros a Noroeste da praça forte de Tarifa, os exércitos de Afonso XI de Castela e de Afonso IV de Portugal obtiveram uma estrondosa vitória militar sobre as tropas norte africanas e granadinas de Marinidas e Narzridas. Tradicionalmente considerado pela historiografia como a última grande batalha da chamada «Reconquista», este confronto constituiu, por outro lado, o momento culminante, e decisivo, do conflito conhecido como a «batalha do estreito», que havia décadas se desenrolava no sul da Península em torno do domínio das águas que guardavam a entrada no mediterrâneo.

As incursões de Afonso X no Sul da baía do Guadalquivir, com a conquista de territórios da fronteira granadina nas décadas de 1260 e 1270 (entre os quais o emblemático porto de Cádiz), ameaçavam não só a integridade do território nazrida mas, e talvez sobretudo, a supremacia marítima muçulmana no estreito de Gibraltar, que a ofensiva castelhana fazia perigar. Esta ameaça suscitou o pedido de ajuda dos mouros peninsulares aos magrebinos, levando ao desembarque, em 1275, do sultão marinida Abu-Yusuf Yaqub no porto granadino de Algeciras.

A partir dessa cidade, Abu-Yusuf conduziu razias no território castelhano que chegaram até Sevilha e Córdoba, mas cujo objectivo, mais do que o domínio do território, era salvaguardar a posse de povoações e fortificações costeiras do extremo Sul e o controlo económico e militar dos portos. Entre recontros, tréguas e alianças, o conflito arrastou-se, de forma intermitente, ao longo do último quartel do século XIII e da primeira metade do séc. XIV. A cidade portuária de Tarifa, conquistada em 1292 pelas

tropas de Sancho IV, foi durante décadas o principal obstáculo à concretização do domínio do estreito pelos Marinidas. Em 1338 começa a verificar-se o deslocamento de tropas marroquinas para a zona ainda muçulmana de Gibraltar e Algeciras, causando alguma apreensão do lado castelhano; e na Primavera de 1340, o sultão de Marrocos Abu al-Hassan, atravessa o estreito, desbarata as defesas navais cristãs, desembarca com o seu exército nas imediações de Tarifa, ataca a estratégica praça forte e põe-na sob cerco.

Perante a iminência de um revés militar de imprevisíveis consequências, Afonso XI de Castela procura realçar a sua legitimidade político-religiosa e reforçar a sua capacidade bélica. Pede apressadamente ao Papa uma bula de cruzada e tenta obter a ajuda dos outros reis cristãos peninsulares, nomeadamente de seu sogro Afonso IV de Portugal, que acede ao seu pedido. Castelhanos e Portugueses, reúnem-se junto a Tarifa a 29 de Outubro; e no dia seguinte defrontam o exército marroquino, a que entretanto se tinham juntado juntam as forças do rei de Granada, formando uma hoste impressionante.

A batalha, que ficou conhecida como de Tarifa ou do Salado, saldou-se por uma estrondosa derrota do campo muçulmano, e fez bascular definitivamente o conflito para o lado de Castela. Em 1350, à morte de Alonso I, o controlo castelhano estava estabelecido sobre toda a margem norte do Estreito, de Tarifa a Gibraltar, passando pelo central porto de Algeciras, pondo assim fim ao sonho marroquino de hegemonia no estreito.

Quaisquer que tenham sido as motivações predominantes da batalha (territoriais, religiosas, políticas ou económicas), o extraordinário triunfo cristão em Tarifa impressionou vivamente as imaginações coevas, e teve larga repercussão tanto em Castela como em Portugal e mesmo no mundo Árabe, dado origem a vários recontos da batalha, em verso e em prosa, em língua vulgar mas também em latim, que constituem preciosos testemunhos da forma como na Península, por meados do século XIV, eram entendidas as relações entre Cristãos e Mouros.

É um desses testemunhos que Manuel Francisco Ramos, Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, dá a público. Trata-se de um texto latino intitulado *In Sancta et Admirabili Victoria Christianorum*, de autor anónimo (talvez um clérigo ligado à corte portuguesa), redigido provavelmente no ano de 1341 e que contém um extenso e circunstanciado relato dos acontecimentos do Salado, centrado no protagonismo do rei Afonso IV. O texto (que se perdeu no documento original, mas sobrevive numa cópia notarial datada de 1472), tinha já sido publicado, na primeira metade do séc. XIX, por Frei Fortunato de S. Boaventura, com base num códice alcobacence, custodiado na Biblioteca Nacional. Porém, uma anotação errada por parte do editor oitocentista impedia a identificação desse códice. Com a paciência dos verdadeiros estudiosos, Manuel Ramos seguiu o rasto do texto, acabando por descobrir o códice aonde a dita cópia se encontra.

O volume, intitulado *Memória De Victoria Christianorum (Salado – 1340)*, apresenta uma cuidada edição crítica do texto latino e a respectiva tradução, seguindo um modelo de apresentação bilingue que tende a ser pouco praticado em Portugal, mas cuja utilidade não pode deixar de ser realçada pelo acesso ao texto que proporciona a um variado leque de leitores, dos mais eruditos a simples curiosos. A edição vem acompanhada de comentários filológicos que muito esclarecem alguns aspectos menos evidentes do texto. Além disso, o autor procedeu a um minucioso estudo do relato nas suas diversas vertentes de sentido.

Desde elucidar o tipo de função memorialista da narrativa, que acompanhava originalmente a liturgia de 30 Outubro, comemorativa do Salado e celebrada durante vários séculos em muitas dioceses do Reino de Portugal e também de Espanha (à semelhança do que acontecia com a data de uma outra batalha icónica da luta contra os Mouros, as Navas de Tolosa), até proceder a um detalhado estudo histórico, literário e ideológico, que se completa com uma resenha dos testemunhos coevos da batalha (a que falta juntar o relato de Tarifa que conclui a *Crónica de 1344*, editado em Ferreira, M.R. (dir.), *De Afonso X a Afonso XI: Edição e estudo do texto castelhano dos reinados finais da 2ª redacção da Crónica de 1344*, Paris, e-Spania Books, 2015. DOI: <https://doi.org/10.4000/books.esb.698>), e à comparação com os textos portugueses mais próximos, pouco ficou por indagar.

Todo este inquérito foi conduzido com sabedoria e minúcia servidas por um espírito científico aberto a problemáticas éticas e a perspectivas de diferenciação cultural e identitária, chamando à colação questões como a guerra santa, a cruzada, a xenofobia e o anti-islamismo, o maravilhoso cristão e a sua instrumentalização política. O cotejo com a conhecida «Lide de Tarifa» do *Livro de Linhagens* do Conde D. Pedro (independente do texto latino). e com o relato do Salado na *Crónica de D. Afonso IV* de Rui de Pina (que teve como fonte principal a *Victoria Christianorum*, verosimilmente por intermédio do texto perdido do reinado de Afonso IV na *Crónica de 1419*), revela diferenças fundamentais entre as narrativas.

Assim, a perspectiva de luta político-territorial expressa no *Livro de Linhagens*, em que os mouros, apesar de reconhecidamente inimigos da fé de Cristo, são encarados como valorosos adversários que devem ser combatidos e vencidos com honra guerreira, contrapõe-se a feroz exaltação da guerra santa presente na *Victoria Christianorum*, onde os Cristãos são auxiliados pelos seus santos guerreiros, Tiago, Vicente e Jorge, enquanto os Mouros, diabolizados, são impiedosamente exterminados, sem salvaguarda sequer de mulheres ou crianças. Na mesma linha cruzadística, mas em tom algo mais moderado, o relato da *Crónica de Afonso IV* põe a tónica na legitimação político-religiosa da figura régia, com laivos de maravilhoso cristão remanescentes de Ourique.

Tudo isto torna esta publicação uma obra de interesse não apenas para um público académico, mas para leitores interessados, atraídos pelas especificidades culturais desta península que, durante tantos séculos, foi palco de uma tensa convivência de povos e de crenças, cuja dinâmica se revela mais complexa do que deixa entrever o monolitismo

da chamada memória cultural, modelada, camada a camada, pela opinião dominante de épocas sucessivas.